

Souvenir

A. M. Catarino



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Souvenir

1

Há um viajante escondido
em cada funcionário de aeroporto.

Uma esperança de sala de espera
entre cada picar do cartão.

Talvez um dia esqueça o cartão em casa.

Nesse caso, que outra opção teria
senão levantar voo?

2

Se há um viajante escondido
em cada funcionário do aeroporto,
também vive um passageiro perdido
em cada viagem adiada.

Como poderá partir
quem nunca chegou?

3

Lâmina, pincel e creme de barbear,
after-shave,
perfume,
escova e pasta de dentes.

Falta-me apenas roubar
qualquer outra identidade
para seguir viagem.

4

À porta do *check-in*
resolverei
um último imbróglio:
para partir
seria necessário
estar vivo
ou estar morto.

5

Revoltam-me as ditaduras
da vida e da morte.

Seria bem mais aprazível
saltitar entre os dois estados.

Escolher um momento
para estar vivo
e outro para estar morto.

Ser e não ser,
numa mesma embalagem
de eternidade.

6

Nada a fazer...

Sou o esboço dum homem
por quem passaram
vida e morte
sem compromisso.

7

Os mortos declaram os vivos
como a sua bagagem.

A azáfama do aeroporto
serve de desculpa
ao tráfico de sentimentos.

As malas dos mortos
só se perdem uma vez,
embora desapareçam para sempre.

8

Entretanto, é um dia igual aos outros.

Arruma mala,
tira mala.

Sobe escadote,
desce escadote.

Não há um minuto de descanso
para o zelador das malas perdidas
e bagagens extraviadas.

9

Sonho com o dia
em que não se perdeu nenhuma mala...

Seria belo, quase poético,
se acontecesse alguma vez.

Passearia livremente pela sala de espera,
pelo hangar, pela pista de aterragem.

É tanta a esperança nesse cenário
que quase me sobra a tentação de rezar.

Mas de nada serve orar:
as preces são farpas,
a abrir chagas na alma.

Que farão destas palavras
quando eu já não estiver aqui
para as devolver
ao legítimo dono?

10

Os vivos ignoram-me.

Os mortos desprezam-me.

Onde terei posto o *voucher*
que o infinito me enviou
para a viagem?

11

Um sonho só cabe numa mala
se houver um espelho lá dentro.

12

Recordo mais intensamente
as viagens que nunca fiz.

Sinto os exóticos odores no nariz,
excêntricos sabores no palato...
a brandura do vento suão
a fazer-me cócegas na pele.

Impossíveis caminhos vogam desertos,
sem nunca deixar de me trilhar os pés.

Por mais que me adiante,
nunca deixo de
tropeçar em passos perdidos.

13

Os Perdidos e Achados
são o lugar certo
para procurar
os sonhos
que nos esquecemos de sonhar.

Apresento o olvido como penhor dos desejos.

14

Eternos dias
de quem nunca viveu.

Infinitas ganas
que em mim abjura **m** o destino.

Ajoelha-se o tempo
perante os discretos segredos
dos jogadores de almas
– devo já uma fortuna
em mapas de caminhos.

15

E se os aeroportos voassem
e os aviões se afundassem
na salsugem de miríficas intuições?

Murcho num pântano
entre as 9 e as 5,
para finalmente aterrar
nas raízes da insónia.

16

O destino não precisa de selo,
encontra sempre a nossa morada.

A bagagem do destino
nunca fica pelo caminho.

Nem mesmo a
intencionalmente
extraviada.

17

Ao entrar em casa
a mobília aplaude o meu regresso
nos diferentes tons da madeira
envernizada pelo tempo.

Mesas, cadeiras e estantes
abrem as asas
em nostalgia de bosque alado.

18

A janela do meu quarto
não é pequena demais
para o mundo.

Sento-me no meu posto de vigia.

Bandos de pardais dormem nas árvores
do átrio interior do prédio.

Chegam ao entardecer,
numa nuvem de alegres pipilares,
antecipando a noite
em precoce saudade do dia.

Às vezes não resisto e bato as palmas.

Qualquer ruído silencia momentaneamente
a árvore dos pássaros.

Nada acontecendo,
retorna mais forte o trinar,
acordando em mim uma semente
de árvore perdida.

19

Os animais entram em estado de alerta
quando ouvem um estrondo.

É o instinto de sobrevivência:
silêncio: seguro;
ruído: perigo.

Pela parte que me toca,
nunca tive problemas
com os ruídos do aeroporto.

Bem podem rugir
os motores das aeronaves...
não me incomodam
minimamente
– sou perito em fingir-me de morto.

20

Sonho que a árvore
do átrio interior
levanta voo.

Asas os ramos,
penas as folhas,
a erguerem-na ao alto.

Patas as raízes
a abandonar
o ninho de húmus
onde a morte fermenta a vida.

Oxalá nunca enjoe
do algodão doce das nuvens.

21

Durmo nu
para fazer amor com a noite.

O sonho é o fruto
do desejo e da saudade,
embalados
pelo berço do medo.

Mas... Que mistério é este?!

A vida e a morte
escolheram os meus sonhos
enquanto campo de batalha.

22

Nem vivo, nem morto.

Filho de pai ausente
e duma mãe morta,
mal cortaram
o cordão umbilical.

Sonho feito carne,
osso e fleuma.

Menos alma
que pasto de vermes.

23

Para onde vais?
perguntou o vento.

Para o mesmo lugar que tu.
respondi.

E agora dançamos juntos
em lugar nenhum,
em tempo algum.

24

Gostaria de não ser
se ser
for o desdobramento
de todas as possibilidades
existentes
em mim.

25

A minha pele acaba
onde começa a saudade
– como a serpente
de espelhadas escamas.

26

Deus veio visitar a terra.

Foste Tu que nos criaste?
perguntaram-lhe.

Apanhado de surpresa
e não querendo parecer ignorante
Deus aquiesceu.

Mas a serpente tudo observava
da sua cova.

O vosso criador abandonou-vos há muito.
Acrescentou.
Nunca regressará,
desgostoso que ficou
da sua obra
– fizera-os para serem múltiplos,
as criaturas almejavam ser unos.

Sou tudo o que nunca fui.

Que atroz castigo,
assistir ao meu envelhecimento
no carcomido espelho
do armário da casa de banho.

A humidade gretou
a superfície de prata,
fazendo-a cair
como folhas no Outono.

Ficou a nu o bolor das prateleiras
a ferrugem da navalha de barbear
a **calvície** do pincel da barba.

O meu reflexo troça de mim
por entre as frestas da imagem.

Sinto as rugas a abrirem-se na pele,
como sulcos dum rio de lágrimas
a brotar de crateras de esquecimento,
vazando uma dor
que já não cabe cá dentro.

28

Procuro-me na necrologia,
mas encontro-me apenas
na secção imobiliária.

“Visite a loja de recordações
da nossa necrópole!
Encontre a sua lápide
a 30% de desconto.”

29

Devia tornar-me agente imobiliário
para ver a minha cara
em todas as varandas
da avenida.

Tentaria vender casas de 3 assoalhadas,
mas nem um talhão no cemitério
me comprariam os mortos.

O problema habitacional
não se compadece com eternidades.

30

A sala de espera do aeroporto
rebenta pelas costuras.

Todos têm um lugar
para ir ou para estar,
excetuando eu.

A maldição dos vivos é a morte,
a bênção dos mortos é a vida.

31

O conforto do previsível
dá sempre lugar ao caos.

Basta um cabelo fora do lugar
e tudo desmorona,
a carreira dum vida claudica.

Donde saiu esta mala
que não cabe nos meus arquivos,
nos meus registos,
na minha memória?

A mala impossível embaraça-me,
compromete-me.

Nunca antes a vira,
a adornar o mofo e bolor
das prateleiras
roubadas ao tempo.

De onde saiu
este pedaço de caos e saudade?

Por mais que a tente esconder,
atravanca o espaço
do armazém
do aeroporto,
da cidade,
do mundo inteiro.

33

Trouxe a mala para casa.

A mala perdida
veste-me
de todas as peles
perdidas
pelo caminho.

A memória é um *souvenir*
ejaculado pela saudade dos mortos
– fertiliza olvidadas jornadas.

Se a memória é o derradeiro *souvenir*,
embrulho-a em papel do jornal de amanhã,
certificando-me que não se danificou
na improvável jornada.

36

Última chamada.

A nudez duma quimérica amante
é a fuselagem do avião
onde quero embarcar
para a eternidade.

37

Onde fica a tua noite?

Como nunca nos encontrámos
depois do por do sol?

Falhámos todas as auroras
todo um lusco fusco.

O medo tem dentes afiados,
mas o desespero tem uma boca maior
– engole-nos por inteiro.

38

A criança que nunca fui
esqueceu-se de sonhar
o adulto **em** que me tornei.

Deixámos uma brincadeira a meio
da última vez que nos encontrámos.

39

Gostaria de ser o amigo imaginário
de mim próprio.

Não o consigo.

Contento-me com ser o imaginário dono
do inventado animal de estimação
da criança que suponho ter sido.

Sou a mascote posta a dormir
pelas dores do parto
da maturidade
(eufemismo para as
identidades perdidas).

40

Deviam fazer ampulhetas com sal.

A areia tem medo do mar...

Seria o meio-termo perfeito.

Uma tempestade de sal
reescreveria
a geografia do meu quarto.

O tempo é um amante ciumento,
não deixa pedra sobre pedra
da cidade que teve o azar
de me servir de morada.

41

Esquece tudo o que eu te disse.

Péssimo hábito
este de falar
comigo próprio
para enganar a solidão.

Conta-me a tua história
se não quiseres ouvir a minha.

42

Escrevo-me
e, de caminho,
escrevo a mim próprio.

Não sei se deva
escrever aos mortos
ou aos vivos.

Está aí alguém?

Alguém me consegue ouvir?

43

Escrevo compulsivamente
em ânsias de me testemunhar real.

Raramente releio o que escrevo.

Pouco interessa o resultado,
apenas o processo.

Sou um livro inacabado,
sem princípio à vista
e de final impraticável.

ÍNDICE

1	4
2	5
3	6
4	7
5	8
6	9
7	10
8	11
9	12
10	13
11	14
12	15
13	16
14	17
15	18
16	19
17	20
18	21
19	22
20	23
21	24
22	25
23	26
24	27
25	28
26	29
27	30
28	31
29	32
30	33
31	34
32	35
33	36
34	37
35	38
36	39

37
38
39
40
41
42
43

40
41
42
43
44
45
46

Colecção

digit@lmente

A partir de 2022, a Colecção Digitalmente acolhe todas as edições para uma melhor experiência de leitura gratuita online.

Edição em Formato Digital: Fevereiro de 2022

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.net

Editores de Poesia desde 1997